A praia reabitada: práticas de divertimento em Fortaleza no início do século XX.

Nara Romero Montenegro*
Carmen Lucia Soares (Orientadora)

Resumo

A praia nem sempre se caracterizou como local de práticas de divertimento. Nas maiores cidades litorâneas do Brasil, pouco a pouco, a frequência às praias ganha novos contornos e outras finalidades se desenham. De um lugar de trabalho ou simplesmente de depósito de lixo e dejetos, a praia começa a ser percebida como um local em que se pode curar diversos males e, também, divertir-se. No caso do litoral que margeia a cidade de Fortaleza, até aproximadamente 1920, não se encontram registros que mencionem a praia para além do trabalho. Habitada principalmente por pescadores tinha como nome Praia do Peixe. É a partir da década de 1920 que esta praia experimenta deslocamentos de sentidos, culminando inclusive com a substituição do seu nome para Praia de Iracema no ano de 1925, quando então, passa a ser frequentada pela elite fortalezense para fins terapêuticos e de divertimento. Pretendemos neste trabalho identificar os discursos que perpassaram a transformação de sentidos da praia em Fortaleza e os usos relacionados às práticas de divertimento que se tornaram possíveis desde então.

Palavras-chave: praia, Praia de Iracema, divertimento

Introdução

Até os primeiros anos do século XX, a praia não era considerada um ambiente de divertimento em muitas cidades litorâneas do Brasil. Uma áurea de temor cercava o mar no imaginário ocidental (CORBIN, 1989). Era, então, local majoritariamente de trabalho, para fins de pesca e de comércio. Em Fortaleza, é somente nas décadas de 1920 e 1930 que a população “descobre” a praia.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é identificar discursos que perpassaram a transformação de sentidos da praia em Fortaleza e os usos relacionados às práticas de divertimento que se tornaram possíveis no início do século XX. Pretendemos, também, analisar se houve diversidade e variedade de práticas, ou, ainda, possíveis especificidades que só teriam ocorrido nesses contextos.

Resultados e Discussão

No início do século XX, a cidade de Fortaleza vive a sua *Belle Époque*. O crescimento populacional e uma incipiente urbanização se instauram paralelamente à modernização dos costumes e mentalidades. Com a vinda de muitos retirantes para a capital, o centro da cidade passa a ser abrigar todas as mazelas do espaço urbano: doenças, álcool e a prostituição (PONTE, 1993).

É a partir dos anos 1920 que a elite fortalezense busca outros bairros, dentre eles o próximo a praia. Em 1928, é construído o primeiro bangalô, conhecido como Vila Morena. E, já na década de 1930, várias práticas de divertimento, como corrida de jangadas, natação e caminhada já fazem parte do cenário praiano.

Dessa forma, emergem algumas perguntas que orientam este trabalho. Em meio a que imaginário a praia passa a estar envolta? Que novas necessidades surgem para que a praia seja esse ambiente de passatempo? Por quais discursos essas práticas corporais eram fundamentadas?

Figura 1. Praia de Iracema, 1931 – Arquivo Nirez

Para tanto, um conjunto de fontes nos nortearão nesta busca, tais como: revistas, jornais, almanaques, fontes imagéticas, compreendendo o período de 1925, ano em que a Praia de Iracema ganha esta denominação, a 1944, momento em que o porto do Mucuripe é construído e a Praia de Iracema é assoreada e deixa de ser habitada.

Agradecimentos

Esta pesquisa de Iniciação Científica é financiada pelo CNPq no período de agosto de 2016 à julho de 2017.

¹ CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1993.

SCHRAMM, Solange Maria de Oliveira. **Território livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do Espaço na Praia de Iracema**. Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2001